

Jornal das Senhoras – Tomo VI. – 10 de setembro de 1854 – Edição 37
Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1854_00037.pdf

3.º ANNO.

TOMO VI. — DOMINGO, 10 DE SETEMBRO DE 1854.

JORNAL DAS SENHORAS.
JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

SELO: BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

CHRONICA DOS SALÕES.

Os bailes e os theatros continuam a offerecer o mais variado campo das mais bellas novidades que no amplo dominio do seu voluvel reinado a moda nos apresenta neste momento.

Quereis disto uma prova?

Fostes ao magnifico baile de beneficencia franceza, sim?

Vistes os riquissimos, deslumbrantes *toilettes* que lá apparecêrão? Vistes essas nobres senhoras, o bom-tom fluminense, fagueiro e gracioso, formando sociedade commun entre o plebeu alegre e satisfeito?

Oh! Por certo; sublime era essa fraternidade envolvida no grande pensamento — A BENEFICENCIA!

Que elegante e bem acabado era o *toilette* côr de rosa e prata de M.^{me} V.... Que lindo penteado, que caprichoso trabalho!

Aquelle penteado de espigas de ouro simplesmente, como condizia bem no rosto expressivo de M.^{me} B... vestida de finissima caça da India bordada de estrellas de ouro!

Que ruge-ruge que fizerão aquellas duas engraçadissimas irmãs vestidas de côr de rosa! Que perguntas, que teimas, que curiosidade....! Uns querião que fossem francezas, outros

teimavam que eram hespanholas, outros afirmavam que eram brasileiras... Ora estes homens é uma graça ouvir-os de parte! Mas, por fim, só foram os do meio que acertaram; e entretanto uns e outros dançarão, que eu os vi bem derretidos, com essas delicadas meninas.

Mll. B.... trajava um vestido de filó branco com duas saias: a de cima, de filó de Lyão, guarnecida de tres ordens de tufos, dispostas em recortes de bico, e em cada recorte um laço de fita de setim: a de baixo, guarnecida com as mesmas tres ordens, porém postas ao direito. Corpo liso e decotado: mangas muito curtas, enfeitadas. Penteado em bandós ondeados e com flores escarlates.

M. ^{me} L.... trajava um rico vestido bordado, de escomilha côr de rosa, com duas saias, sendo a de cima em fôrma de tunica e apanhada com grinaldas de flores; a saia de baixo guarnecida de renda: o corpo liso e decotado; as mangas curtas. Penteado a Ceres com boninas.

M. ^{me} A.... Vestido de blonde prateado com tres folhos abertos aos lados, guarnecidos de rendas, apanhados por borboletas de ouro: o corpo espartilhado, decotado e com berthe de renda apanhada igualmente: as mangas muito curtas. Penteado a *Eugénie*.

M. ^{me} G.... Vestido de renda com a saia enfeitada de sete folhos orlados, cada um, com uma ordem de fita *à disposição* escarlate e ouro. Cabeção de pregas e folho, ornado com uma guarnição de rosas *Batton*, escarlates com folhagem.

de ouro. Mangas de folho. Penteado de bandós fortemente ondeados, rosas escarlates e folhagem de ouro por enfeite.

M ^{me} T. de L... Vestido de *moire-antique* côr de rosa, sobre saia de filó da mesma côr salpicado de estrellinhas de prata, em regaço, apanhado em distancias iguaes com ramos de flores e laços de fita: corpo de bico redondo: berthe de prega adiante e atraz, coberta de filó prateado. Ramo de peito de rosas brancas e trepadeiras. Penteado de bandós fortemente ondeados, ornado de uma grinalda em grandes tufos de rosas e trepadeiras brancas.

M. ^{me} J. S... Vestido de blonde com duas saias, a de cima chegando até o joelho e aberta em bicos sobre setim côr de rosa enfeitados com laços e cordões de perolas; a de baixo com duas ordens de tufos de setim côr de rosa presos com iguaes enfeites: o corpo decotado e liso: as mangas curtas enfeitadas de cordões e perolas. Penteado de canudos e tranças, misturados de cordões de perolas.

M.^{me} F... Vestido de setim verde-mar com um grande folho de renda, tendo por cima uma tunica de filó-illusão, com o corpo franzido e a tunica toda bordada em flores de prata. Penteados á *Eugénie* com papoilas e ramos de flores.

M.^{me} D... Vestido de gaze côr de palha com tres folhos largos cortados em arcos guarnecidos de tiras feitas em tufos: o corpo liso e decotado: as mangas mui curtas, enfeitadas com flores. Penteado de canudos de cabellos com uma grinalda de boninas.

E assim, lindos e brilhantes, erão todos os *toilettes* dessa immensa funcção : a riqueza de uns, a graciosidade de outros, e a elegancia de todos, encantavão por demais.

Mas a belleza deste baile estava em tudo. O gosto, a arte e a profusão, reinavão em toda a parte: tudo era delicado e apropriado: tudo enfim fazia crer que os angelicos salões do Paraíso pela suprema vontade de Deus baixarão á terra para um baile de Beneficencia!

Por entre as ondas luzentes das cabeças adereçadas de seiscentas e cincoenta e seis senhoras e immensos cavalheiros distinguão-se sollicitos e urbanos para com todos, os membros da Representação franceza nesta côrte e a Commissão encarregada do baile.

Esta sociedade entregue á benefica direcção do mui digno e virtuoso Sr. Taunay, consul francez na côrte do Brasil, faz diariamente um beneficio e enxuga diariamente uma lagrima de afflicção. Praza a Deus que suas louvaveis intenções sejam coroadas do mais feliz resultado, e que, como esta bem dirigida Sociedade, prosperem todas as outras que caminharem ao mesmo fim nobre e glorioso — a CARIDADE.

O baile acabou ás cinco horas da madrugada com o mesmo movimento alegre e fraternal com que principiára.

Foi, pois, com os bailes de beneficencia franceza, e o do estabelecimento pio de S. Joaquim que o mez de setembro abriu seus porticos ao mundo elegante. Estreou bem. Que de seus trinta dias nem um só se perca; que todos sejam empregados, se possivel for, em beneficio da humanidade desvalida, e que brincando e dançando vamos concorrendo para as mais bellas e louvaveis instituições, dignas do progresso do seculo em que vivemos.

Tive occasião de ouvir Mll.^e Favrichon no concerto dado em beneficio do estabelecimento pio de S. Joaquim: é sedutora esta interessante artista no seu gracioso canto dos romances francezes. Mais expressão, mais doçura, mais galantaria, não se pode empregar para gerar sympathias nos corações embebidos n'aquellas suaves melodias que ella faz desprender de um sorriso encantador que lhe brinca nos labios a todo instante. Colheu repetidos applausos e fez as delicias do concerto.

De modas nada vos posso dizer de novo em quanto não receber os jornaes e figurinos que nos trouxe o paquete de Southampton. Por agora sómente tenho a notar alguma mudança na fôrma dos chapéos; tudo mais depende da transição que a moda tem de fazer.

E adeus, querida leitora, até domingo, que vos contarei muita cousa.

Christina.

Cattete, 8 de setembro.

DESCRIÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUÁRIO DE PASSEIO.— Chapéo de palha enfeitado de fita e raminhos de violetas.

Vestido de nobreza côr de violeta: saia lisa com basquine afogada, ornada de franja, botões e fita de encrespar, formando um peitilho á maneira de alamares.

Mangas *Medicis*, fofos em cima e com pagode guarnecido de franja igual á da basquine.

Collarinho e sub-mangas de *guipure* ingleza.

Chale de cachemira escarlata com bordadura de seda tecida côr de ouro.

VESTUÁRIO DE PASSEIO. — Chapéo de escomilha enfeitado de blonde e flores. Bandós de cabellos ondeados.

Vestido de nobreza verde claro.

Saia ornada de tres largos folhos, orlados pela beira com uma fita de encrespar da mesma côr do vestido.

Basquine redonda, de trespasse, afogada, e toda guarnecida de renda ponto de Inglaterra e fita de encrespar.

Mangas compridas, largas, e enfeitadas de laços soltos de fita verde.

Sub-mangas e collarinho, de renda ponto de Inglaterra.

— 291 —

A ROSA DO SEPULCHRO.

POR D. M. DE O. QUINTANA.

(Continuado do n.º 36.)

— Oh! que idéa, meus amigos! disse Telesforo. Vinguemo-nos desse lontra, pelo atrevimento de ter tão enorme barriga.

E chamando a Leandro para junto de si, tirou os lençóis das camas, e com elles fez quatro mortalhas, uma para si, e as outras para os seus tres amigos. E depois que cada um embrulhou-se no seu lençol, Telesforo cobriu-lhes as cabeças, collocou-os junto da cama de Carvalho, e lhes disse:

— Vamos fazer-lhe uma encommendação á nossa moda e com um latim mais que macarronico. Vamos! vamos! Folguemos, amigos, que a vida é breve! E acendendo uma nova vela, chegou-se com ella para junto do leito do infeliz, depois de apagar a outra, e principiou, cantando lugubrementemente:

— *Dominus vobiscum!!*

E os outros respondêrão gritando:

— *Comei arrôz cum mariscum!!*

— *Requiescat in pace!!*

— *Amen!!*

E com outros ditos semelhantes atordoarão o aposento. Mas, como isso não fosse bastante para despertar o bom do pobre Carvalho, abaixarão-se todos e principiárão a gritar ao ouvido do barrigudo:

— Hu!! Hu!!... Acorda, oh! *Bitú!*...

Com esta inesperada gritaria, o pobre estudante abriu uns grandes olhos espantados, e dando com aquelles quatro fantasmas, dançando ao redor do seu leito, soltou um medonho grito de terror. E pretendendo fugir, faltarão-lhe as forças, e cahiu sobre o soalho, victima de atroz convulsão.

Seus dentes, apertados, rangião a estalar; seus labios espumavão, e seus olhos revirados, estavam horrorosos.

Os autores deste fatal acontecimento, recuárão pallidos de terror. E perplexos um momento não souberão o que fazer.

Telesforo porém, recobrando logo o perdido animo, arrojou a vela á um canto, tirou de um lavatorio a bacia cheia de agua, e vasou-a toda sobre a cabeça do infeliz. Então os outros seguirão o seu exemplo, e em um momento, o aposento transformou-se em uma cachoeira.

— Oh! a nada se move o lontra! exclamou Telesforo, vendo sem effeito o seu medicamento.

— Oh! Cyrillo! Dá-lhe duas fortes palmadas, disse Leandro com ar doutoral, isso ser-lhe-ha proveitoso.

Não havia tempo a perder. Cyrillo applicou esta nova receita; mas ainda sem effeito.

— Está salvo! está salvo, meus amigos! exclamou Telesforo inspirado. Oh! que feliz lembrança! Venha um lenço! venha um lenço!

— Eil-o aqui, disse Ricardo apresentando um lenço de fina cambraia.

Telesforo rasgou-o pelo meio, fez de uma metade duas grossas torcidas, e guardando o resto, disse ainda:

— Está salvo!

E com uma penna introduzindo a custo as duas torcidas nas ventas do infeliz, bradou:

— Agora deitemos fogo a estas mechas, e o nosso amigo se levantará curado!

Mas no momento em que procuravam a vela, sentirão passos pela escada, e correrão todos para as suas camas, onde se esconderão em baixo dos lençóis.

Era o dono do hotel que tudo ouvira, e que com dois caixeiros, veio em socorro do estudante da Aula do Commercio.

Carvalho foi conduzido em braços, e o bom homem já acostumado a scenas taes nada disse, para não offender aos seus hospedes, que sobre tudo pagavam bem.

Os quatro complices, ficarão ainda um momento em silencio, até que por fim disse Leandro:

— Querem saber uma cousa? Quando appareceu o nosso estimadissimo hospede com os seus caixeiros, eu estava sonhando que nos tinhamos vestido de fantasmas... Será isto verdade?...

— Homem, parece-me que sim, respondeu Telesforo, porque agora mesmo acabo de sonhar que dera um ataque no nosso amigo barrigudo.

— E eu, disse Cyrillo, sonhei que elle foi carregado para baixo pelo caixeiro da casa. E tu, Ricardo?

— Quanto a mim, sonhei que eramos uns grandes culpados, e amigos indesculpaveis!

— Qual! disse Telesforo. Mas é celebre! De todos os sonhos o teu é o peor!

E os quatro mancebos puzerão-se de pé.

— Desgraça! desgraça, meus amigos!! exclamou Telesforo no mesmo instante.

— Em?! O que ha?... perguntarão todos.

— Fogo! fogo!.... Lá está ardendo uma casaca!

— Oh! diabo! exclamarão os amigos, correndo para o logar do incendio.

— Oh! que ainda fui eu o culpado! disse Telesforo atirando com o colção da cama sobre o objecto incendiado. Quando atirei a vela para este canto, não reparei nesta desavergonhada casaca!

— Felizmente extinguiste o incendio, observou Leandro. E como quem perde é o querido hospede, folguemos, meus amigos, pois ainda resta-nós uma vela acesa, para recrearmos as vistas neste pittoresco cubiculo.

— Sim, folguemos, disse Telesforo; pois sómente tenho que lastimar as minhas torcidas, que lá se forão nas ventas do nosso amigo!

— Telesforo, disse-lhe Cyrillo, não brinquemos com isto. Se algum mal acontecer ao nosso companheiro eu nunca me saberei perdoar.

— 292 —

— E' verdade, disse Ricardo.

— Ah! temos moral? murmurou Telesforo sacudindo com uma perna, (signal evidente de que não gostava das observações) Muito bem senhor *padreco*.... mas, vou ouvir o sermão ali de cima do telhado!

Dito o que, passou por uma janella, e achou-se no lugar indicado, onde principiou a assobiar uma valsa por desenfado.

Ricardo riu-se, e Cyrillo foi novamente metter-se na cama d'onde gritou:

— Boa noite, meus senhores! Estou reconciliado com o descanso.

Ricardo foi encostar-se á janella junto á qual estava Telesforo no telhado, e Leandro pôz-se a passeiar á longos passos, cantando entre dentes uma caução patriotica.

— O' Leandro! Leandro! gritou Telesforo do telhado.

— O que é lá?

— Vês o que está em cima dessa prateleira?

— E' um violão.

— Vê se o conduzes para cá, e vamos a um terceto.

— Eil-o a qui. Quem canta?

— Já disse que era um terceto.

— Mas eu não canto.

— Pois é o mesmo, cantarei eu. Toma o violão, Ricardo, e acompanha-me.

— Aqui! para perto da minha cama! Venhão para cá! Gritou-lhes Cyrillo.

— Nada! abraça-te com o travesseiro e dorme. Não queremos sermões, Sr. padre.

— Pois então, esperem que irei eu. Ora eis-me aqui, já unido á bella sucia. Vamos, canta, Telesforo, e esquece-te do meu sermão.

— Pois bem: silencio, que vou principiar.

E Telesforo principiou a cantar desafinando soffrivelmente, estes versos então em voga:

« Eu tenho um gallo Maltez
« Com a sua crista amarella,
« Que canta — cocorocó!
« A saudade me flagella.

E parando de cantar,

— Gritem todos, disse. O ultimo verso deve ser em córo.

E continuou:

« Eu tenho um cão perdigueiro,
« E tambem, tremeuda cadella,
« Que ladrão — áu, áuau, áu!

E todos concluirão, gritando,

« A saudade me flagella!

— O' senhores!! bradou uma voz rouca, que partia de um quintal d'onde avistava-se os quatro cantores. O' senhores!! Ninguem póde dormir aqui em casa com as suas gritarias!

— Vamos á nossa unica e conveniente resposta, disse Telesforo. Gritemos ainda mais alto!

E todos gritarão desesperadamente:

— *A saudade me flagella!!*

— O' senhores!!

— *A saudade me flagella!!*

— O' senhores!! O inspector do quarterão mora aqui perto. Accomodem-se, quando não...

— *A saudade me flagella!!*

Repetiu ainda o córo infernal.

— O' senhores!!

— *Irra*, meu amigo! gritou-lhe Telesforo já um pouco insultado pela teima. Não vê que a saudade nos flagella?...

— Sim... sim! respondeu o desconhecido perdendo a paciencia. Vou ver agora!..

E no mesmo instante, uma pedra impellida com violencia arrombou um vidro da janella, e foi cahir em cima da mesa.

— Combate! combate! bradou Leandro.

E agarrando em um tinteiro, atirou-o com força herculea sobre o nocturno agressor, despejando involuntariamente a tinta pela cabeça de Cyrillo.

Em um momento o arieiro, os travesseiros, a bacia, os pés das cadeiras, quantos chinellos velhos encontrarão, o lavatorio, e o proprio violão, tudo foi lançado pelos quatro herões, sobre o desconhecido.

— Fechemos a janella, meus amigos! Acabou-se a munição de guerra, disse Leandro executando a sua lembrança.

E então ouvia-se o combate das pedras contra a janella, que não achando por onde entrar não cahir inoffensivas sobre o telhado.

— Maluco infernal! E' bem capaz de quebrar a janella.

— Antes a janella do que a minha cabeça, ponderou Telesforo.

E de um salto, apagou a véla, e metteu-se na cama.

As trevas assaltarão o aposento.

V.

O QUE ERA FEITO DO ESTUDANTE.

Oh! meus queridos, meus queridos!

Estou finalmente em terra de amigos!

Devido á total escuridão em que se achavão, os mancebos percebêrão então, um objecto sobre o qual não haviam fixado as vistas prescrutadoras.

Era uma pequena porta praticada na parede, e menos alta do que a mesa que a occultava.

Esta porta ficava completamente occulta por esse movel, e por suas frestas brilhavão os reflexos de uma luz viva, e scintillante.

— Oh! que bello achado! exclamou Cyrillo, já não temeremos as trevas. Por ali passaremos, e iremos todos acender a nossa vela.

— Mas como obteremos luz? perguntou Leandro. Bem vejo que ha ali uma porta; mas onde nos conduzirá ella?

— A' sala do jantar do pasteleiro.

— Ou á do morador do 1.º andar.

— Emfim seja lá onde fôr. Desçamos, meus amigos, que ninguem haverá tão incivil que negue um pouco de luz, á honradissimos mancebos da nossa tempera, disse Telesforo.

E para dar o exemplo, afastou a mesa, e forcejou em vão por abrir a porta.

— Está fechada por dentro, disse elle, ou então pregada fortemente.

— Um impecilho a vencer! Optimamente, disse Leandro erguendo-se.

E pôz-se a apalpar as dobradiças da porta.

— Oh! Achei!

— O que?

— Uma aldrava..... e rente com o soalho.

E puxando por ella, a porta volveu-se, e patenteou aos quatro mancebos uma prolongada escada, no fim da qual, estava collocado sobre uma mesa, um elegante candieiro de bronze dourado, brilhando aos reflexos de uma luz resplandecente.

— Desçamos com cautela, disse Cyrillo.

E para dar o exemplo principiou a descer nas pontas dos pés.

— Traz a vela, Ricardo, disse Telesforo em voz baixa.

E principiárão a descer cautelosamente, sem comtudo poderem impedir os estalos das juntas de seus pés.

Finalmente chegarão ao logar desejado, e deixo ao leitor considerar, qual seria o pasmo dos quatro aventureiros, ao acharem-se em uma camara de dormir, ao lado de um leito de elegantes cortinados, fechados cuidadosamente, e ouvindo o brando resonar de alguém que ahi estava, sem duvida, entregue aos braços do somno.

Com este inesperado encontro, o primeiro pensamento, foi o de voltarem no mesmo instante; e já se dispunhão á isso, quando Leandro apontou mysteriosamente para uma cadeira, no encosto da qual, virão cuidadosamente, um vestido de nobreza preta, um par de meias compridas, e alguma roupa branca. Sobre a mesa e junto ao candieiro estava uma grinalda de flores artificiaes, umas ligas escarlates, umas pulseiras, um pente, umas botinas azues, e um par de luvas de pellica branca.

Por estes objectos, conhecerão então, que aquelle brando resonar devia ser de uma mulher. Ora, uma mulher dormindo nunca metteu medo a ninguem, e pois, os nossos amigos, á excepção de Telesforo, chegarão a concordar que devia ser virgem, bella e encantadora, como uma rosa matutina.

E tendo já Ricardo acendido a vela, e estando todos dispostos a subirem, Telesforo disse a Cyrillo:

— Eu sou como S. Thomé, duvido do que não vejo. Está me parecendo, que não será como vocês imaginão.

E': não vês a grinalda?

— Ora, isso nada prova: muitas vezes serve para disfarce.

— Qual!

— Vamos abrir as cortinas?

— Homem, não seria máu... porém...

— Não tenhas medo. Tu taparás os olhos, se for preciso.

— Como me sabes convencer! Bem viste porém, que eu me oppuz... Mas como tenho de fechar os olhos....

— Sim, eu bem te conheço... Se annues, é por que te peço.

E pé ante pé, Telesforo e Cyrillo, dirigirão-se para junto do leito, enquanto que Ricardo e Leandro subirão para o sótão.

Ao aproximar-se do leito, Telesforo pegou com mão tremula na cortina e abriu-a.

Cyrillo arregalou os olhos.

Mas, em vez do que esperava, viu um cachorrinho felpudo deitado sobre a cama e resonando tranquillamente.

A um movimento de colera que elle fez com este achado, o cachorrinho acordou repentinamente, e deu um salto para os dous amigos, latindo desesperadamente.

Telesforo assusta-se, e sem saber o que fizesse, atira-se para de baixo da cama, onde rolando por cima de um corpo humano, solta um grito, e foge pelo outro lado.

No mesmo instante o estudante barrigudo, sai debaixo da cama, todo tremulo, com a camisa por cima da ceroula, a cabeça cheia de cataplasmas, os pés com enormes senapismos, e vai cahir de joelhos aos pés de Cyrillo, exclamando:

— Não me façais mal! Não me façais mal!...

— Oh! Pansudo dos seiscentos! Bradou Telesforo de longe, e ainda pallido de susto. Pois ainda estás vivo? Este lontra não morre nem a cacête!

O barrigudo volveu então os olhos, e reconhecendo os seus amigos, ergueu-se radiante de alegria, e exclamou fóra de si:

— Oh! Meus queridos! Meus queridos! Estou finalmente em terra de amigos! Eu bem sabia que erão vocês!

E pôz-se a pular como poudes em torno de Cyrillo.

Cinco minutos depois estavam todos reunidos no sótão das suas aventuras.

Orientemos agora ao leitor.

Conduzido o estudante para baixo, no estado em que o descrevemos, o transportarão para a única cama que havia disponível. Esta cama era a da filha do dono do hotel que estava ausente, em consequencia de um passeio que fizera á chacara de sua tia.

Alii, á força de cuidados, Carvalho recuperára os sentidos, e já um pouco restabelecido, passava por uma madorra ao lado do pequeno cachorrinho, (nocturno companheiro desse aposento), quando sentiu rumor na escada, que, sem elle saber, communicava com a parte habitada pelos seus companheiros. Então o medo se apoderou do seu espirito, e todo tremulo, foi esconder-se em baixo da cama, onde ainda estaria, se não fosse o susto que levou Telesforo a rolar por cima delle.

VI.

O LICOR DE ROSA SERVE PARA ALGUMA COUSA.

Il y a des circonstances où il
est tres-dangereux de se servir
d'une chose, quoiqu'excellente
en elle même.

(*Le C. Mathieu.*)

Na seguinte madrugada, quem se lembrasse de passar as tres horas pelas ruas de S. Christo

— 294 —

vão, veria sahir pela rua de Bemfica uns quatro mancebos montados em excellentes ginetes; e precedidos por um outro, cavalgando uma mula ruça.

Se Ricardo, Leandro, Telesforo e Cyrillo, caminhando na *vanguarda*, poderiam ser, pelo seu porte garboso e posições magestosas, comparados a Athos, Portos, Aramis, e d'Artagan, heróes de Alexandre Dumas. Carvalho, por seu lado, marchando na *retaguarda*, em nada era inferior ao memorabilissimo Sancho Pança, do immortal Cervantes.

— Guaratiba! Oh! Guaratiba! Exclamava Telesforo. Terra aprazivel, que nem sei onde ficas; mas que necessariamente deves de ser digna dos primeiros amores! Prepara os ypês de flores amarellas, de modo a causar inveja ás flores do ouro corruptor!

Dá novo viço aos teus incomparaveis angelins, aos teus jaquetibás, ás tuas palmeiras, e aos teus jacarandás! Anima os teus bosques magestosos, as tuas cachoeiras e as tuas varzeas! Sim, Guaratiba, prepara-te para receber-nos, que aqui vamos, dispostos a admirar as tuas aves, o teu céu e as tuas estrellas!

— E eu, disse Carvalho chegando-se para os seus amigos, e seguro ao cabeçote do selim. E eu prometto-te, minha filha, que comerei as tuas batatas, os teus carás, as tuas laranjas, e que beberei todo o teu café! Darei que fazer ás tuas canas, aos teus aipins, aos teus inhames, e aos teus bacoparys! Não me escapará um ananaz, um melão, uma melancia, uma goiaba, ou um araçá! As pitangas, as mangas, os côcos, as pinhas, as sapucayas e as jaboticabas, terão no meu estomago uma sepultura provisoria! Sim, oh! Guaratiba! Comerei os teus marrecos, os teus tucanos, as tuas arapôngas, as tuas yrerês, e os teus perequitos! Tudo comerei! Tudo minha filha, e até a ti, se for preciso!

— E os quadrupedes? E os quadrupedes, meu amigo? Perguntou Cyrillo. As pacas, os tatús, as cutias, os quatys, as gambás, e os ouriços?...

— Comerei... comerei!

— E o leite das cabras, das vaccas e das ovelhas? E os ovos? E os requeijões?

— Tudo... tudo!

— E até ao diabo que te carregue! Disse Telesforo.

— E tambem a vocês!

E os mancebos cantarão em gritos desordenados:

« Viva o vinho e a pitaça!

« Viva o baile, viva a dança!

— A galope! A galope! Bradou um.

E partirão com a velocidade da setta.

— Alto! Disse Ricardo, depois de muitas paradas, e de muitos galopes. Estamos, se me não engano....

— Onde, com mil diabos?

— No Rio-de-Farias.

— Viva o Rio-de-Farias! Exclamou Telesforo. E tu, soberba ponte, obra de avistar impassivel á todos os seculos futuros, eu te saúdo! E já que sou forçado a deixar-te, adeus! Adeus, Rio-de-Farias! *Nolui te insalutato abire.* (*)

— Até á volta! Disse tambem Leandro, fustigando o seu cavallo.

E os cinco amigos, atravessarão a ponte.

Nesse momento um carro puxado por quatro vigorosos cavallos, passou adiante delles; mas não com tanta rapidez, que não pudessem avistar, ao lado de uma figura de homem, velho e trigueiro, um semblante de menina, risonho e seductor.

— Excellente! Excellente! Disse Leandro.

— Vistes? Perguntou-lhe Telesforo.

— Qual dos dous? O inverno, ou a primavera?

— A primavera, meu caro! Aquelle jasmim, ao lado daquelle malvaisco! Aquella Venus que ia tão proxima daquelle Vulcano!

— Oh! Se a vi! Era encantadora! Seductora!

— E o maldito do Vulcano...

— Quem sabe? E' talvez seu pai.

— Seja o que for. O passado está passado!

— A' vante! Á vante!

E mais tres horas se passárão, em que galoparão impiedosamente.

Quando chegarão ao Rialengo, forão se apeiar a uma estalagem de apparencia pouco tentadora, para tomarem alguma refeição.

— Muito nos deve o tal Sr. Visconde, observou Cyrillo enquanto comia alguma cousa. E tanto, que de bom grado, eu preferia agora estender-me em uma daquellas camas, do que continuar a jornada. Estou fatigado.

— Mas como é preciso....

— Como não há outro remedio....

— Comamos, meus amigos, e á caminho!

— A' caminho! Repetirão todos.

Chamarão o estalajadeiro, pagárão, e sahirão para montarem.

— Vamos! Vamos! Bradou Ricardo.

(Continúa.)

(*) Não quis partir sem despedir-me de ti.

— 295 —

POESIA.

A' LAIJU.

A flor que te trago,
A flor que te offerto,
Meu anjo, sê certo,
— P'ra ti que colhi:

Mil flores havia

Brilhantes e bellas,
Porêm entre elas,
— Mais bella não vi

Fui vêl-a formosa,
E logo a tirei;
E logo eu jurei
Seria p'ra ti :

A flor que te trago
A flor, que te offerto,
Meu anjo, foi certo,
—P'ra ti que colhi :

Quer tu a segures
No negro cabelo,
No teu seio Bello
Ou deixes ahi,

Entre esses dedinhos,
Da bella mãosinha,
Na linda bôquinha
De lindo carmi;

Mui bem ficará
A flor que te offerto
Pois, meu anjo, é certo,
Mais bella não vi.

Joséfon.

UM INSECTO.

Lemos em um escripto de certo naturalista, que de todos os animaes conhecidos que existem no mundo, o que tem maior força á proporção do seu tamanho, e o que talvez exceda a todos em ligeireza, é um bem pequeno insecto. Eis o que delle dizem os naturalistas.

« Examinado a um microscopio, este insecto é summamente interessante: a sua figura é em extremo elegante, e parece que está vestido com uma armadura de escamas: tem a cabeça pequena, olhos grandes, o corpo liso e brilhante, ornado em cada segmento com sedas azues e reluzentes. Todos os seus movimentos indicão agilidade e viveza, e a sua força muscular é tão extraordinaria que causa pasmo. Dá saltos do comprimento de duzentas vezes o do seu corpo, arrasta uma cadêa cem vezes mais pezada do que elle, e é capaz de comer, em um dia, alimento que pese dez vezes o que pesa o seu corpo.

Sabeis qual é este insecto extraordinario?

E' a *pulga*.

O que não podemos dizer é como os naturalistas medirão os saltos, calcularão as forças, e pezarão-lhe a comida. E' um mysterio que só os intelligentes naturalistas poderão revelar.

O AMOR PERFEITO.

Esta flor tão mimosa é um dos mysterios dos amantes nos segredos das suas afflicções. Typo de candura, de sentimento e de desespero, tem um *não sei que* de pungente, de saudoso e de melancolico, que não se póde facilmente esquecer quando vem de uma mão que gostamos de apertar. Oh! Então aquella flor resume toda uma existencia inteira, todos os sonhos de uma vida ideal, todos os vinculos de uma crença, e todas as esperanças de uma eternidade. Um amor perfeito já eu vi tão cheio de mysterios, como não se virão em paginas de muitos livros: peguei-lhe com adoração religiosa, mas tornei logo a deixal-o de parte; era tão mimoso, que tive medo de o anniquilar com o ar abrazado da respiração, ou com o fogo ardente de um beijo... Dava toda a minha existencia, corpo e alma, só para lhe conservar a frescura com que o vi, com que o toquei... Se tivera ali os pinceis de Vandick, ou o cinzel de Buonarote, tinha dei-

xado abrir-me as veias, uma por uma, porque um o desenhasse e outro o esculpisse.... Morreu.... nem podia viver depois de eu o ter tocado! São assim todas as cousas da minha vida! Só porque a pobre florinha vinha não sei de que mãos, só porque eu tive fé nos segredos que me disse, só

porque era minha.... morreu!... Deixou-me só recordações... tantas! Que não podem jámais morrer!

ANECDOTAS.

Contendendo um christão com um judeu sobre qual era o maior numero de Santos, se o da lei antiga, se o da lei da graça, enfurecidos apostarão convencionando-se que por cada Santo que alternativamente nomeassem, arrancarião um cabello da barba: — *Abrahão*, começou o judeu, e logo arrancou um cabello da barba do christão. — *S. Pedro e S. Paulo* — disse o christão, e arrancou dous cabellos da barba do judeu. — *Os tres meninos da fornalha* — e o judeu arrancou tres cabellos ao christão: — *Santa Ursula e as onze mil virgens* — clamou então o christão; e lançando rapidamente as mãos aos bigodes do judeu lh'os deixou todos escorrendo em sangue.

Certo individuo tinha um filho muito tolo, ao qual recommendava que estivesse calado diante de pessoas estranhas, a fim de não se dar a conhecer. Achando-se um dia n'uma companhia, entre dous gaiatos de patente, não respondia cousa alguma ás perguntas que se lhe fazião, nem parecia tomar parte na sua conversação. Um delles, já enfasiado de procedimento tão singular, disse ao outro: «O' Silva, este sujeito parece-me tolo.» O rapaz, ouvindo semelhante dito, levantou-se e disse: «O' meu pai, agora posso fallar, pois já me conhecêrão.»

MAXIMAS POPULARES.

Não faças tudo o que pódes, nem gastes tudo o que tens: não acredites tudo o que ouvires, nem digas tudo o que souberes.

— E' senhor do mundo o que despreza o mundo, e seu escravo o que o aprecia.

— Honra e proveito não cabem n'um sacco.

— O conselho de uma mulher vale pouco, mas quem o despreza é louco.

ADIVINHAÇÃO.

Sou theatro de prazeres,

E de sinceras afflicções;

A velhice e a mocidade
Comigo afogão paixões.

O rico que a mim se chega
De tudo que tem se esquece;
O pobre tem refrigerio
Nos tormentos que padece.

De noite a gente de bem
Busca a minha companhia;
Mas vadios e ladrões
Só me procurão de dia.

CHARADA.

No *principio* de meu ser
Há seu *que*, que o tino apura:
Pois sou terno, sem ternura
De maneira alguma haver; 1
E depois, inda sem ter
Ternura, em ternura estou. 1
Resumindo, eu causa dou,
Em raiva, a males sem fim,
E meu todo explico assim —
Sem ter vida, *mortal* sou.

A charada do n. 36 é: *Despreso*.

Acompanha este n.º 36 uma estampa com figurinos de passeio.

TYP. DO JORNAL DAS SENHORAS, RUA DO CANO N. 165.